

ROMAIN PUÉRTOLAS

A MENINA QUE ENGOLIU
UMA NUVEM DO TAMANHO
DA TORRE EIFFEL

Tradução de Inês Amado

*Para Patricia,
o meu único ponto fixo no universo.*

Esta história é totalmente verdadeira, visto que a inventei de uma ponta à outra.

BORIS VIAN

Um coração é de certo modo um grande envelope.

PROVIDENCE DUPOIS

PRIMEIRA PARTE

**Uma carteira e a sua concepção
bem peculiar da maionese e da vida**

A primeira palavra que o velho cabeleireiro proferiu mal entrei no salão foi uma injunção breve e categórica, digna de um oficial nazi. Ou de um velho cabeleireiro.

– Sente-se!

Dócil, executei a ordem, antes que ele me executasse a mim com o seu par de tesouras.

Depois, começou a dançar à minha volta sem sequer me perguntar qual o corte de cabelo com que desejava sair do seu estabelecimento ou aquele com que, precisamente, não queria sair dali. Ter-se-ia alguma vez visto a braços com a afro recalcitrante de um mestiço? Não iria ficar dececionado.

– Quer que lhe conte uma história incrível? – perguntei-lhe para quebrar o gelo e instaurar um clima de convivalidade entre nós.

– Conte, desde que pare de mexer a cabeça. Ainda lhe corto uma orelha.

Considereei aquele «Conte, desde que» um enorme passo, um convite ao diálogo, à paz e à harmonia entre irmãos, tentando, ao mesmo tempo, esquecer o mais rapidamente possível, em nome desses mesmos pactos de fraternidade, a ameaça de amputação do meu órgão auditivo.

– Bem, então aqui vai. O meu carteiro, que é uma mulher, uma mulher encantadora, aliás, apresentou-se na torre de controlo onde trabalho e dirigiu-se-me: «Senhor Machin¹ (é o meu nome), preciso

¹ Machin significa sujeito, fulano, coiso, um nome que não nos ocorre. (*N. da T.*)

que me dê permissão para descolar. Bem sei que o meu pedido lhe poderá parecer insólito, mas é o que é. Não pense muito no assunto. Eu cá desisti mal toda esta história começou. Peço-lhe apenas que me autorize a descolar do seu aeroporto. Suplico-lhe.» O pedido em si não se me afigurava insólito. Por vezes, particulares, levados à ruína pelas escolas de aviação das redondezas, vinham pedir-me para continuarem a fazer horas de voo por conta própria. O que me surpreendia, em contrapartida, era o facto de ela nunca ter mencionado aquela sua paixão pela aeronáutica. Bem, também nunca tínhamos tido ocasião para conversar, nem sequer para nos cruzar (o meu horário é rotativo e alterno horas diurnas e noturnas), mas ainda assim... Regra geral, limitava-se a levar-me o correio a casa na sua velha 4L amarela. Nunca me fora visitar ao trabalho. O que era pena, porque a miúda era uma beldade. «Noutra altura qualquer, minha senhora, enviar-lhe-ia para o escritório os planos de voo para este tipo de pedido. O problema é que hoje o tráfego aéreo está caótico com esta estúpida nuvem de cinzas e não poderemos permitir voos privados. Lamento.» Vendo a sua expressão perturbada, o que me perturbou o coração, fingi interessar-me pelo seu caso. «Pilota o quê? Um *Cessna*? Um *Piper*?» Ela hesitou bastante. Viase bem que se sentia incomodada, que a minha pergunta a tinha embaraçado. «É precisamente nesse aspeto que o meu pedido é insólito. Não piloto um avião. Voo sozinha.» «Sim, sim, já tinha percebido que voa sem instrutor.» «Não, não, sozinha. Quero dizer, sem aparelho, *assim*.» Ergueu os braços acima da cabeça e girou sobre si própria como uma bailarina. Por falar nisso, já lhe tinha dito que ela estava de fato de banho?

– Omitiu esse pequeno pormenor – retorqui o cabeleireiro, concentrado nesse momento no combate que travava com a minha afro. – Sempre imaginei que um controlador aéreo tivesse uma rica vida, mas isso é o cúmulo!

O velho estava cheio de razão. Um controlador aéreo em Orly não tinha muito de que se queixar. Embora isso não nos impedisse de o fazermos, de vez em quando, lançando uma pequena greve-surpresa. Só para que não se esquecessem de nós na época das festas.

– Bom. Portanto, trazia um biquíni às flores – continuei. – Uma belíssima mulher. «Não quero perturbar o tráfego, senhor controlador. Gostaria apenas que me encarasse como mais um avião. Não voaria a grande altitude, pelo que a nuvem de cinzas não me afetaria. Não há problema se tiver de pagar as taxas do aeroporto. Tome.» Estendeu-me uma nota de cinquenta euros, que tirou sei lá de onde. De todo o modo, não foi da sua grande sacola de pele, porque não a trazia consigo. Custava a crer. Não percebia nada daquela história, mas ela arvorava uma expressão muitíssimo determinada. Estaria mesmo a dizer-me que conseguia voar? Como o Super-Homem ou a Mary Poppins? Durante alguns segundos, pensei que o meu carteiro, enfim, a minha carteira, tinha ficado com uns parafusos a menos.

– Resumindo, o seu carteiro, que é uma carteira, decidiu aparecer-lhe um belo dia na torre de controlo onde trabalha, em fato de banho, quando a praia mais próxima se encontra a centenas de quilómetros, e pedir-lhe autorização para descolar do seu aeroporto a bater os braços como uma galinha.

– Parece-me muito bem resumido.

– E pensar que o meu carteiro só me traz contas para pagar... – suspirou o homem, limpando o pente à bata antes de o voltar a mergulhar na imensidão de canudos.

Na outra mão, a tesoura abria e fechava sem parar, lembrando as patas de um cão no soalho ou as de um *hamster* na roda.

Tudo na sua atitude indicava que não acreditava numa única palavra do que lhe acabara de narrar. E não podia censurá-lo.

– Então o que é que fez? – perguntou-me, decerto para ver até onde conseguiria a minha imaginação delirante ir.

– Que teria feito no meu lugar?

– Não faço ideia, não trabalho na aviação. Além disso, não estou habituado a receber aqui no salão mulheres seminuas.

– Fiquei desconcertado – retomei, ignorando as graçolas do velho rezingão.

– Pensei que nada poderia desconcertar um controlador aéreo – contrapôs ele, irónico. – Não é para isso que vos pagam?

– Essa ideia é um pouco exagerada. Não somos máquinas! Enfim, ela olhou-me com aqueles olhos de boneca de porcelana e disse-me:

«Chamo-me Providence², Providence Dupois.» De seguida, esperou que aquelas palavras surtisses o efeito desejado em mim. Dir-se-ia que queimava o último cartucho. Julgo que me revelou o seu nome para que deixasse de a considerar uma mera carteira. Fiquei tão desorientado que, por alguns segundos, cheguei inclusive a pensar que se poderia tratar... enfim, sabe, de alguma rapariga com quem me tivesse envolvido e que não estivesse a reconhecer. Tive algum sucesso na juventude... Mas não havia dúvidas, mesmo sem o boné e a farda azul-marinho, aquela beldade era mesmo a minha carteira.

Havia já alguns segundos que o cabeleireiro retirara o pente e a tesoura dos meus cabelos crespos e os mantinha suspensos no ar.

– Disse Providence Dupois? A Providence Dupois?! – exclamou, pousando os instrumentos na bancada de vidro à minha frente, como que tomado de uma súbita e profunda fadiga. Era a primeira vez que manifestava o menor interesse desde que havíamos entabulado a conversa, enfim, desde que eu entabulara aquele monólogo. – Refere-se à mulher de que se fala em todos os jornais? A que voou?

– Essa mesma – respondi, espantado com o facto de ele a reconhecer. – Mas, naturalmente, naquele momento era apenas a minha carteira. A bomba sexual da 4L amarela.

O comerciante deixou-se cair no sofá vazio que se encontrava a meu lado. Parecia ter acabado de levar com uma estação espacial em cima.

– Esse dia evoca-me recordações muito duras – explicou ele, o olhar perdido algures entre os mosaicos brancos e pretos do salão de cabeleireiro. – Perdi o meu irmão num acidente de avião. Precisamente no dia em que a famosa Providence Dupois deu que falar graças a esse espantoso acontecimento. O Paul, o meu irmão mais velho, ia passar uns dias num lugar ao sol. Umas férias curtas, que ele estava longe de imaginar... que se fossem tornar tão longas. Férias intermináveis... Cento e sessenta e dois passageiros. Nem um sobrevivente. Sempre pensei que Deus andasse de avião, como toda a gente. Nesse dia, deve ter-se atrasado para o *check-in*.

² Providence pode ser traduzido por Providência. (N. da T.)

O homem voltou a erguer a cabeça. Uma centelha de esperança brilhou-lhe nos olhos.

– Bom, mas falemos de assuntos mais alegres. Diga-me, ela voava mesmo? Quero dizer, viu-a voar, a essa Providence Dupois? Li-o nos jornais, mas escrevem com cada coisa mais disparatada... Gostaria de saber a verdade, nada mais do que a verdade.

– Os *media* não estavam lá. Assenhorearam-se do acontecimento mais tarde e empolaram-no, alimentando os rumores mais estapafúrdios. Cheguei mesmo a ler algures que a Providence tinha voado no seu *Renault* amarelo até Marrocos e esbarrado contra uma nuvem! O que, enfim, não anda muito longe da verdade, mas não é correto. Vou contar-lhe o que de facto se passou em Orly. E, acredite em mim, isto é apenas a ponta visível do icebergue. Ainda mais impressionante foi saber como a minha carteira o conseguiu e o que aconteceu depois, o que me levou a pôr em causa uma série de coisas no meu espírito cartesiano. Gostaria de saber?

O cabeleireiro fez um gesto largo para o salão vazio.

– Como vê, estamos à pinha – retorquiu com ironia –, mas seja. Julgo que me posso permitir uma pequena pausa. Sempre é uma boa alternativa às sempiternas descrições de casamentos ou batizados com que as clientes me brindam de cada vez que vêm arrepelar os cabelos! – acrescentou o velho homem, a expressão falsamente serena, quando estava desejoso de tudo saber.

E eu de tudo contar...

No dia em que aprendeu a andar, Providence soube logo que não se ficaria por aí. Que as suas ambições eram muitíssimo mais elevadas e que aquela atuação, porque se tratava disso mesmo, mais não constituía do que o início de uma longa série. Correr, saltar, nadar. O corpo humano, essa fantástica máquina, encerrava espantosas capacidades físicas que lhe permitiriam avançar na vida, tanto no sentido literal quanto no figurado.

Do alto dos seus sete meses e dos seus sessenta e oito centímetros e meio, era já devorada por um desejo exacerbado de descobrir o mundo com os seus próprios olhos (bom, mais com os seus próprios pés). Os pais, ambos médicos num dos hospitais pediátricos mais prestigiados de França, nem queriam acreditar. Na sua longa prática de medicina, nunca se tinham confrontado com semelhante caso. Eis que foi a própria filha quem os pôs perante tal realidade e veio derrubar, com a energia com que um bebé de poucos meses destrói uma torre de cubos, todas as suas belas teorias acerca da aquisição da marcha. Como poderia a sua única filha dar os primeiros passos numa idade tão precoce? Como poderiam os ossos e os músculos das pernas suportar já aquele pequeno corpo de Buda sorridente cheio de refegos? Teria aquilo qualquer relação com os seis dedos que tinha no pé direito? Tantas perguntas para as quais Nadia e Jean-Claude não encontraram resposta, nem naquele momento, nem mais tarde. Tratava-se de algo que não sabiam explicar e que acabaram por aceitar. Na altura, a mãe auscultara-a. O pai chegara inclusive a radiografar-lhe o cérebro. Mas nada havia

de errado. Tudo parecia normal. Era assim mesmo, só isso. A sua pequena Providence começara a andar aos sete meses. Ponto final. Providence era uma menina apressada.

Evidentemente, tudo o que possam ter sentido nessa época não foi nada quando comparado com o sentimento que os submergiria qual maremoto naquele dia de verão, trinta e cinco anos mais tarde, em que a filha meteu na cabeça que iria aprender a voar.